

MEU CORPO MINHA VIDA  
Radiante Filmes

Manifestantes:

"É pela vida das mulheres!"

"É pela vida das mulheres!"

Que contradição: o aborto ainda é crime  
E o homofobia não!

Still: Somos todas Jandyra!

Gráfico: Turma do STF decide que aborto nos três primeiros meses de gravidez não é crime

Barroso: A criminalização da interrupção da gestação no primeiro trimestre da gravidez é incompatível com a Constituição.

Silas Malafaia: A primeira turma do STF -- não é o STF inteiro -- comandada pelo ilustríssimo Barroso -- vem com uma história estúpida de querer envolver o judiciário em apoiar o aborto, porque até o terceiro mês da gravidez, é direito do corpo da mulher de abortar!

Manchete: Papa Francisco permite o perdão permanente ao aborto.

Manifestantes:

É nossa história!

Pela vida das mulheres!

Senador Magno Malta: Só para fazer um registro, Sr. Presidente, um registro dizer ao Supremo Tribunal Federal, aos ministros, que a vaquejada não pode, porque diz que maltrata o boi, mas matar uma criança no útero com três meses de existência, uma vida, pode. Assassinar pode. Mas a vaquejada, não pode.

Barroso: A principal crítica que se faz à decisão do Supremo é que esta era um matéria que deveria ter sido decidido pelo Legislativo. Se alguém disser isso para os senhores, creiam em mim, é uma pessoa que é contra a descriminalização. Porque não há nenhuma possibilidade disso passar pelo legislativo.

Silas Malafaia: Isso é uma vergonha! Quer proteger a mulher, e aquele ser humano - totalmente desprotegido!

Flávia Oliveira: As mulheres estão morrendo literalmente. Elas morrem, morrem em razão de um debate contaminado pela religião, pela moral e de um Estado que não se ocupa em dar atenção devida a esse problema que é um problema de saúde pública.

Martha Medeiros: Nossas avós abortavam, nossas bisavós abortavam. Abortaram em 1700, em 1600, sempre. E vão continuar abortando em 2030, em 2100, em 2200, isso

não vai acabar nunca. Não é lei, não é opinião pública, não é religião, nada que vá impedir uma mulher de interromper uma gestação indesejada.

Voz de Repórter: A polícia civil do Rio investiga o desaparecimento de uma mulher de 27 anos, vista pela última vez na terça-feira da semana passada, a ser levada para fazer um aborto...

Voz de Repórter: A Polícia agora está investigando um mistério em Campo Grande: o desaparecimento de uma mulher. Na zona oeste, a família...

Voz de Repórter: A rodoviária de Campo Grande foi o ponto de encontro marcado entre Jandyra Magdalena dos Santos...

Voz de Repórter: Ontem também no fim do dia, parentes da Jandyra estiveram na Delegacia de Campo Grande...

Angela: Nasci em Marechal Hermes, meus pais eram portugueses e italianos, imigrantes. Quando eu tava com 21 anos eu me casei, foi com o pai da Jandyra, e nós viemos morar aqui em Campo Grande, minha mãe também, saímos de lá, viemos morar aqui em Campo Grande. Praticamente ela nasceu aqui, quando ela veio pra cá ela tinha 8 meses de idade. A adolescência dela, infância, tudo foi aqui em Campo Grande.

Joyce: Jandyra muito arteira, muito alegre, brincava na rua. Ela era muito romântica, muito sonhadora, eu já era mais radical, mais fria, então eu acho que a pessoa sofre menos. Jandyra era muito sentimental, ela quando se entregava, ela se entregava mesmo, entendeu? Quando ela amava ela amava mesmo, tirava a roupa do corpo pra poder dar pra pessoa. Então quando ela se frustrava, aquilo acabava o mundo pra ela, entendeu?

Ze Padrinho: Eu vi ela nascer. E a vó dela achou por bem me dá ela para batizar. Eu e a vó dela, fomos os padrinhos.

Daizi Maria: Ela sempre gostava muito do pai. Ela sempre falava muito bem dele. Falou que ele foi buscar a felicidade dele, que não era ao lado da mãe dela.

Ze Padrinho: A mãe dela me convidou para a festa de 15 anos da menina. Eu me comprometi de fazer o vestido da festa. Desenhei o vestido dela e dei de presente para ela. E ela ficou super satisfeita com a história. A festa foi tomando uma forma que eu já comecei a botar tapete, passarela vermelha desde da entrada até... flores, tochas, com velas... enfim...

Joyce: Eu tava com 20 anos. Eu acho que eu era tão complexada que eu queria aparecer, queria mostrar uma coisa que eu realmente não achava que era. Eu queria mostrar que eu era bonita porque eu não me achava bonita, entendeu? Eu queria fumar porque eu queria mostrar que eu era a bambambã.

Ze: Quando a gente começou a fazer a primeira prova do vestido, a mãe começou a falar "Jandyra, você tem que emagrecer, você está engordando, a roupa está apertando... e eu fiquei na minha, não falei nada. Um mês depois, a mãe dela me liga

e fala "A Jandyra está grávida... E eu falei assim, então o vestido estava apertando não era porque ela estava engordando... Mas falei, um pena, porque 15 anos, ela vai interromper a juventude dela, ela vai ter que cuidar dessa criança.

Angela: Olha, da minha parte eu fiquei muito, né, como mãe a gente fica assim, meio assustada né? Porque eu sei o trabalho que eu dei a minha mãe também, porque eu engravidei antes de casar.

Joyce: Mesmo grávida, ela foi pra escola grávida. Usou aquele macacãozinho, porque ela usava um macacão próprio pra meninas que estavam gestantes, e ela seguiu.

Angela: Sinceramente hoje eu me arrependo muito, de não ter deixado ela casar na época com o Júlio. Mas eu achava que ela era muito criança, ela só tinha 14 anos.

Dra. Ana Derraik: Das 400 a 500 partos/mês, que a gente faz, que a gente assiste, 20% são de mães adolescentes. Sendo que 8 a 10 % são meninas de menos de 15 anos. No momento tenho 18 adolescentes internadas, e muitas já na segunda gestação, levando para a casa seu segundo bebê. Então a sensação que eu tenho é que a gente erra, a gente peca com essas meninas duas vezes. Quer dizer, a gente perde a oportunidade num primeiro momento que ela não seja mãe precocemente, que ela fica na escola, que ela tenha sua vida de menina, de adolescente, preservada, cuidada, e aí ela volta a engravidar...

E você estava tentando engravidar desse nené?

Mãe: Não

Dra. Ana: Foi sem querer. Sair daqui protegida de gravidez...

Respira... respira...

(Parto)

Luciene Lacerda: Você sabe que teve uma vez que eu fui numa escolha fazer um debate sobre a questão da sexualidade, do HIV, o uso da camisinha, enfim. E os jovens falavam assim: "Mas isso é um problema dos pobres que não se cuidam, e que elas não sabem o que fazer, camisinha tem que usar...", aí eu perguntei pra eles: "Ok, quem aqui tem camisinha na bolsa?", ninguém tinha.

Flávia Oliveira: Será que não seria melhor pensar em mecanismos anticoncepcionais mais eficientes pra que elas façam sexo seguro e não engravidem? Do que pensar na gravidez como punição, né, e manter esse círculo vicioso da vulnerabilidade social, que é o que a gente vê acontecendo no Brasil, né?

Exterior Igreja: Assembleia de Deus, Ministério Cura da Alma

HS: A família dele também queria?

Pastor Gilberto: Há 20, 25 anos, mais ou menos, eu só trabalho com demônio. Os meus encontros com demônio são diários. Quem me conhecer, que anda próximo de mim, sabe disso. É um dom, tá? Eu tenho o discernimento dos espíritos. A Bíblia fala que Deus, pela sua bondade, pela sua misericórdia, ele dá dons espirituais, eu recebi o dom, o dom de discernir espíritos, não é? Você olha uma pessoa e se aprouve a Deus, se Ele permitir que eu identifique eu vou identificar, se Ele não quiser eu não vou identificar, mas normalmente Ele me mostra.

Joyce: A minha família veio de uma origem é... como pode dizer, do Candomblé. Entendeu? Toda a minha família. Mas a minha mãe chegou uma certa idade ela não quis mais seguir e a gente ficou... aí a gente começa a seguir aquela “Sou católica”, né? Que quando você não tem religião tu é católica, né? Mas aí depois eu conheci o meu atual marido e me convidou pra ir pra igreja, pra religião cristã protestante, que é a Assembleia de Deus, e eu trouxe Jandyra e minha mãe.

Pastor Gilberto: A Jandyra e a Ângela e a Joyce sempre me preocuparam muito, pelo volume e a fúria com que os demônios se manifestavam nelas. É uma coisa assim, muito preocupante. Eu diria se fosse um quadro clínico, patológico, eu diria, num hospital de emergência, um caso gravíssimo, gravíssimo. Eu daria esse nível. Então elas sempre me preocuparam muito. Mas como eu já disse anteriormente a Ângela, ela estabilizou, a Joyce estabilizou, mas a Jandyra não. Eu me preocupei muito com ela, eu centrei muita atenção sobre ela, mas ela escapava sempre, ela sempre escapou muito. Até o período em que ela começou a apresentar problemas. A Ângela percebendo que a Jandyra estava tendo problemas, ela traz a Jandyra pra mim. Foi aonde eu disse pra ela, “Jandyra, você não deve sair.” Mas a Jandyra optou, foi um livre arbítrio dela, ela optou. Ela não quis me ouvir... foram muitas vezes.

Joyce: Foi ele que fez o meu casamento, foi ele que fez o casamento da minha irmã, a Jandyra. Sempre teve muito presente na nossa vida, sempre acompanhou a nossa vida bem de perto. É como se fosse um pai, né, um pai espiritual.

Pastor Gilberto (no casamento) Quem acha uma mulher, acha uma coisa boa. E essa coisa boa foi a mulher...

Pastor Gilberto: Leandro e Jandyra, por mais que eles se amassem, o temperamento dos dois não daria certo. Eles brigavam muito. Na verdade, o Leandro, ele vem pra mim numa condição de um problema de química mesmo, um problema de drogas, né? O Leandro vem, se recupera, um menino tecladista, menino bom, bom mesmo, excelente. Eu aproveitei aquela instrumentalidade dele pra prender ele. Aí ele tava comigo nessa época, ele tava ali comigo, direitinho, tocando e foi quando a Jandyra veio com Ângela, ali eles se conheceram, começaram a namorar, mas eu não fui muito a favor do casamento porque eu conhecia o temperamento dos dois, né? Eu sabia, como pastor você conhece as suas ovelhas, né?

Joyce: Jandyra tinha uma paixão, assim, louca pelo Leandro. Ela largava quem ela tivesse pra poder ficar com ele. Jandyra e Leandro desde o começo foi um casamento sempre muito conturbado, eles não ficavam nem um ano casado e separava, era separa e volta, separa e volta. Sentimento é uma coisa muito complicada, a gente tenta entender mas é uma coisa muito particular, né? E não adianta, como aquele ditado diz: briga de marido e mulher ninguém mete a colher, a mesma coisa é

relacionamento. Tu tenta entender, tu tenta explicar, tu tenta conversar, mas não adianta, tu não consegue entender o que é entre eles dois. É uma coisa muito particular

Angela: Ela tava com 6 meses... Eu não sabia, ele veio me contar e pra mim foi uma surpresa, né? Porque ela já tinha a Kamylyle e ela conhecia ele há muito pouco tempo. 8 meses que ela conhecia ele. Então foi uma coisa assim, pra mim foi uma bomba que caiu na minha cabeça, até porque eu não queria esse relacionamento. Mas como ela já tava grávida... Eu falei pra ela não casar, novamente... Até pelo fato de saber que não ia durar, esse não ia mesmo. E ela insistiu muito, "Eu quero casar, se eu não casar eu não vou ficar", eu falei, "Ah, vai ficar sim! Você tem 17 anos e quem manda em você sou eu". E acabou casando e não deu nada certo, desde o começo.

Pastor Gilberto: Eu queria muito poder entrar nas escolas e orientar esses jovens e adolescentes o perigo de uma gravidez fora dos planejamentos de Deus, né? Porque tudo aquilo que se faz fora da presença de Deus é pecado. Sexo fora de casamento é pecado. Um jovem não tem o direito, ele não tem o direito de praticar sexo fora do casamento.

Flávia Oliveira: A gente sabe que, sei lá, talvez 90% das meninas que engravidam não pretendiam engravidar, o que elas queriam era transar, né? Queriam transar e... Meninas e rapazes transam desde que o mundo é mundo, foi assim que a gente chegou a 7 bilhões de habitantes na terra, 206 milhões de brasileiros. Em alguns casos até em idades muito tenras, né? Você quer fazer sexo, mas assume o risco de engravidar uma vez que os métodos pra evitar a gravidez não estão disponíveis na escala, na necessidade, com o perfil que combine com todas... que dê conta dessa diversidade de adolescentes que querem transar.

Dra. Ana Derraik: Você não pode ter uma política pública de saúde determinada por um dogma religioso, isso é arcaico, é medieval, eu não estou dizendo que você não possa ter a sua religião, que não possa exercer-la nos seus cultos, nos ritos né? muito saudável, isso também deve ser um direito preservado pelo estado, no entanto o que tem que tem de determinar política pública de saúde é indicador, e evidencia científica, a gente tá num mundo extremamente conectado, interconectado com várias redes, em que as experiências estão aí para serem vistas, para serem trocadas e para servirem de exemplos, o que tá dando certo e o que não tá dando certo?

Voz masculina: Palavra da oradora do curso de professores evangelistas de crianças, a formanda Jandyra Magdalena Reis.

Jandyra: Uma certa feita, um de nossos honrados professores pediu que meditássemos a seguinte frase: enquanto a semente não for concluída, os semeadores não tem ordem de parar." Esta frase entrou em meu coração e para mim o que ela significa é que nunca podemos parar enquanto ainda tiver crianças perdidas pelo mundo.

Coro canta: Todos passamos por este teste, agora desfrutar esse gozo... Com alegria passo o dia estudando...

Daizi Maria: A Jade sempre foi muito alegre, então ela gostava de barzinho, de amigos... Mas a Jade, ela sempre batia muito de frente, ela não era de levar desaforo pra casa. Isso era no trabalho, se ela tinha que lutar por alguém ela lutava, se ela tinha que conversar com o patrão ela conversava, e se ela tinha que argumentar ela argumentava. Então isso era dentro da casa dela também. Quando eu a conheci, ela já tinha a Camila e ela já tinha a Sara. Então assim, ela meio que casou com o Leandro, ela sempre foi muito apaixonada por esse menino, pelo Leandro, muito apaixonada mesmo. E o fato meio dela sair de casa eu acho que também foi meio que uma liberdade, que talvez ela quisesse buscar fora de casa, que talvez ela não tivesse dentro de casa. Então pra mim, eu entendo que tinha sido mais uma fuga pra ela. Quando eles se separaram, que ela voltou a morar com a Ângela... Ela tentou reconstruir a vida dela, ela arrumou um namorado, e sempre que ela arrumava um namorado, que ela tava bem, ele vinha e desestabilizava ela. E eles acabavam voltando, se não voltavam eles ficavam saindo, porque depois que ela voltou a morar com a Ângela, ela ficou proibida de ver o Leandro, de se relacionar com o Leandro, de ter qualquer conversa com o Leandro, só que ela nunca também respeitou isso.

Culto cantando:

Minha vida dou a ti, Senhor  
Rendido a ti, estou  
E pra sempre cantarei  
Faz em mim o teu querer

Daizi Maria: Acho que o que afasta a Jade da igreja, o que sempre afasta a Jade da igreja não foi a igreja em si, e sim a mãe. Porque a mãe queria que ela pregasse coisas que não era da índole da Jade fazer, entendeu? Ela queria que a Jade fosse uma cópia da Joyce. E não é, a Jade nunca foi. Só que a Joyce uma vez foi do mundo também, a Joyce nunca foi da igreja sempre. E a Joyce já aprontou coisas do arco da velha.

Angela: Eu nunca fiz questão que ela desse nada pra mim, eu queria que ela dessa pras filhas dela. Eu sempre falei pra ela, "Eu não preciso que você dê nada aqui", graças a Deus eu sou pensionista da aeronáutica, meu pai era coronel da aeronáutica, eu não tenho necessidade nenhuma disso. Então eu falava, "Você trabalha, já que você quer trabalhar, vai trabalhar pra sustentar suas filhas e dar as coisas pras suas filhas". E é o que ela fazia, aí ela comprava as coisas pra ela, né, e tudo. Sempre foi uma mãe muito boa, sempre deu tudo de marca pras filhas, brinquedo, era exagerada até de mais, até de mais. E ficou um bom tempo ali na Biancar, depois aí que ela parece que saiu da Biancar e foi... conseguiu esse emprego lá na Bracom, né, que lá era a vida dela ali, que ela gostava muito de trabalhar naquele lugar.

Pastor Gilberto: A Jandyra, uma jovem, ela queria ter e ter muito, e comprar muito e ter o melhor. Ser melhor, para oferecer as crianças dela o melhor, para a mãe dela ter o melhor, não é? E ela foi a luta. O mercado tava aberto, a oportunidade tava aberta. A beleza dela proporcionava isso. A forma com que ela se comunicava com as pessoas proporcionava isso. O primeiro emprego, a primeira oportunidade, o primeiro

patrão, olhou pra ela, ela tem um exterior, ela tem comunicação, ela é tudo. Ela vende. A Jandyra vendia. A Jandyra se colocasse ela lá na vitrine ela vendia. Quem não queria ter a Jandyra como alguém que daria lucro pra... E ela olhou, disse, “Não, eu quero ter, eu quero ser!”

Jessica: Ela era uma funcionária muito boa, uma época ela chegou a me mostrar um documento do gerente dela pedindo aumento pro diretor, porque realmente o que ela fazia, ela fazia além do que era pedido, ela fazia além da forma que tinha que trabalhar. Outros revendedores vinham até ela, mesmo com funcionário pra isso, pra ela resolver. Então ela era excepcional, o pessoal falava que sem ela a empresa não andava. Podia andar sem o diretor, mas sem ela o pessoal falava que não andava.

Jessica: Ela começou a ficar estranha, mais triste. Aquela pessoa que era alegre sempre pra viver, com sorriso sempre no rosto, chegava no trabalho com a cabeça baixa, quieta... Não demonstrava mais aquela alegria de dar um bom dia.

Angela: Eu comecei ver ela ficar muito deprimida, muito abatida, não trabalhava direito. Aí eu perguntei, chegou um dia que eu falei, vou perguntar, “Jandyra que que tá acontecendo?”, “Ah, mãe, não é nada não”, eu falei, “Eu não quero levar problemas pra você”, eu falei, “Não, eu quero saber, os seus problemas são os meus problemas, você é minha filha eu tenho que saber”. Aí ela começou a chorar, falou “Mãe, eu estou grávida”, e aí eu falei, “E aí, vamos fazer o que?”, aí logo na hora ela falou, “Não vou ficar”, aí eu falei, “Não, você vai ficar sim”. Aí ficou a nossa guerra dentro de casa, né?

Joyce: Ela sabia da nossa opinião, então ela segurou o máximo. Ela tentou resolver por ela mesma, até que chegou uma hora que não dá pra esconder mais. Ainda mais pra gente, né, da família, porque sabia que a gente ia ficar criticando... porque eu falar... amigo, é mole, vai achar tudo muito lindo, mas família quer é o melhor. E as vezes o melhor é um não.

Flávia Oliveira: Eu lembro particularmente desse caso o fato de a mãe ser muito religiosa e ter dito “Não faça porque é pecado, é isso, é aquilo...”. E ela fez, né? Contrariando inclusive as convicções religiosas e morais da própria mãe, da própria família. O que prova que é isso, você pode ser contra, você pode estar numa religião conta, mas a sua decisão pessoal num determinado momento da sua vida pode ser por interromper uma gravidez, por amor aos filhos que você já tem pra criar e que talvez já não tenha condições suficientes. Porque você precisa entrar no mercado de trabalho pra garantir o sustento da sua família, né? E uma gravidez atrapalha a entrada da mulher no mercado de trabalho. Porque era uma relação que ela descobriu que não valia a pena, essa criança não teria um pai. Ene razões em que a questão moral e religiosa foi secundarizada.

Naidée: Confirmou que estava grávida, sabia de quanto tempo estava. Mas, e aí começou a usar o Cytotec. Usou uma vez, usou, acho que três vezes, pelo que me lembro, que já faz algum tempo, pelo que me falou ela usou três vezes o Cytotec e que não deu certo. Não sei se era falsificado. Não sei de que forma ela conseguiu esse remédio...

Angela: Sei que ela depois disso ela sangrou muito, sentia muitas dores aqui assim no quadril, aqui assim... E ela tava assim, muito pálida demais. Isso aqui dela não tinha cor, os dedos. Joyce me chamou lá em baixo, falou “Mãe, Deus falou pra mim que Jandyra vai morrer. Se ela for ela vai morrer”. Joyce chamou ela, falou com ela, ela disse, “Eu já estou morta. Eu já estou morta”. Ela tava muito mal. Na segunda-feira antes dela sair, eu fui pro banheiro comecei a orar, pedi a Deus pra ele impedir, mas... Aí eu acabei deitando, dormindo, no outro dia quando eu acordei assim de estalo ela tava sentada na beira da cama das filhas olhando as filhas.

Joyce: Ela saiu, eu ouvi o portão batendo, porque minha mãe morava na frente e eu atrás. E aí deu o horário de sair pra trabalhar, sai pra trabalhar e minha mãe começou a me ligar, “Joyce, Jandyra foi”, pra minha surpresa, porque eu achei que ela ia desistir, eu tava com muita fé que ela ia desistir, mas ela foi. E aí a minha mãe começou a me ligar desesperada, “Joyce, já deu uma, Joyce já deu duas”, eu falei, “Calma mãe, as vezes essas coisas demoram, sei lá”. E começou a passar as horas, a passar as horas, e aí acho que deu umas 6 horas, o Leandro veio aqui. “Ela não voltou Ângela”, aí minha mãe entrou em desespero.

Naidée: Aí começou a anoitecer e ela não aparecia... eu fiquei preocupada. Aí eu falei, deu problema, porque isso não é tão demorado assim. Já teria dado, dado notícias. Ou eles teriam entrado em contato, alguma coisa já teria acontecido, deu algum problema. Foi o que passou na minha cabeça. Ah, não deu certo, eles pegaram, levaram ela para a porta de algum hospital. Talvez sem documento para dificultar.

Angela: Eu já tava desesperada, né, procurando negócio de amiga, pra ver. Que eu tinha certeza que Jandyra não ia fazer uma coisa dessa, ia pra casas de ninguém, ela ia vim pra casa, pra casa dela.

Joyce: E eu procurando durante a semana. Procurando, eu comecei a procurar em necrotérios também. E aí a gente foi pra delegacia, minha mãe foi, deu queixa e passou mais uma semana, nada. E a gente em cima deles, e nada.

Delegado Hilton Alonzo: Eu assumi a delegacia de Campo Grande, é a maior delegacia do estado. E uma área que é notoriamente conhecida como uma área de milícia, então é uma delegacia complicada de se atuar. Nesse interim iniciou-se o caso Jade. Infelizmente a mãe, não sei se por medo, por vergonha, por ser um crime, apenas nos relatou o desaparecimento e em si o desaparecimento constava apenas o local onde ela havia ficado com o seu ex-marido. E dali nós começamos a andar passo a passo nessa investigação.

Voz de Repórter: A Polícia agora está investigando um mistério em Campo Grande: o desaparecimento de uma mulher, lá na zona oeste...

Voz de Repórter: A polícia está buscando as imagens das câmeras de segurança da rodoviária de Campo Grande para tentar identificar a mulher que levou Jandyra Magdalena dos Santos Cruz até uma clínica clandestina de aborto...

Voz de Repórter: Jandyra levava R\$ 4500 reais cobrados pelo procedimento cirúrgico...

Delegado Hilton: Nós começamos a ouvir as amigas da Jandyra, o ex-marido também que a mãe relatou que tinha sido a última pessoa a ter contato com ela e acabamos descobrindo algum tempo depois que ela teria ido fazer um aborto.

Leandro: Nós chegamos por volta de 9, 10 da manhã e ficamos esperando a suposta doutora Rose chegar. Ela chegou mais ou menos as 10 horas da manhã onde pediu que a Jandyra descer sozinha sem a minha companhia. Ela entrou num carro branco, um Gol branco, quatro porta. Ela entrou, ela, e mais duas outras meninas que estavam esperando no mesmo ponto de encontro. Ela me passou uma mensagem as 10:20 da manhã dizendo que estava desesperada, que eles mandaram desligar o telefone.

Planos tela do celular: Eu tô com muito medo... Amor mandaram desligar o telefone, to em panico, ore por mim!

Delegado Hilton Alonzo: No momento eles estavam utilizando uma casa dentro de um condomínio residencial, que praticamente não levantava suspeitas. Um, dois carros chegavam com duas, três pessoas pra, entre aspas, visitar um morador. A pessoa que alugou também estava, era integrante da quadrilha, entrava na residência, era feita toda a prática abortiva e posteriormente o carro saia e levava a pessoa pra um outro ponto pra deixar essas pessoas.

Um mínimo de cuidado não deixaria essas meninas entrarem num carro desconhecido, sem um parente, sem um conhecido pra acompanhar, pra um local onde elas não sabiam pra onde iriam, com os telefones desligados, as vezes retirados até, guardados. Então elas foram pra um vazio.

Delegada Fernanda Fernandes: O que foi relatado nos depoimentos é que a enfermeira que tava... que era suposta enfermeira mas que também não era enfermeira... que tava realizando um procedimento junto com o falso médico, teria feito... realizado o procedimento na Jandyra e depois teria seguido pra uma outra paciente. Quando tava realizando o procedimento nessa outra paciente, eles foram chamados as presas dizendo que a Jandyra, ela tava já cianótica, ela tava toda roxa, nas extremidades e desacordada. A gente acredita que ela tenha falecido já no procedimento.

Delegado Hilton Alonzo: A líder, ela acabou procurando um miliciano e um caseiro que tinha posse de um sítio que o dono não tinha, não visitava, passava meses, anos sem ver o sítio, então era o local ideal pra ser reunido e ser feito o que foi feito.

Delegada Fernanda Fernandes: A gente tem relatos, pelos depoimentos, que eles passaram a tarde inteira tomando cerveja no sítio, até aguardar o anoitecer. Esquartejaram a Jandyra, deram um tiro na cabeça pra simular também uma execução... Quando anoiteceu, eles foram até um local um pouco mais distante. colocaram fogo, carbonizaram né, tanto o carro quanto o corpo, né, pra não deixar realmente vestígio... Eles tentaram simular uma execução justamente, da Jandyra, pra desvincular essa morte do aborto.

Repórter: Rosemere Aparecida Ferreira, apontada nas investigações como chefe da quadrilha. Era ela que marcava as consultas, recebia o dinheiro e pagava o restante da

equipe. O ex-marido dela, o policial civil Edilson dos Santos, que era segurança do grupo.

Juiza Elizabete Louro: Aborto pra entrar na justiça... eu digo que tem um pressuposto. A gestante tem que morrer, se ela não morrer não chega até aqui. Não chega. Porque aí a família tem interesse. Agora, qual é a família ou qual é a própria mulher que vai se auto incriminar chegando aqui dizendo que ela se submeteu a um aborto? Então ela mesma esconde isso. Sem contar que essas clínicas clandestinas, é... elas são peritas em esconder vestígios. Eles tem aparelhamento pra destruir os vestígios do feto arrancado e você fica sem prova da materialidade do fato, porque são destruídos na mesma hora. Então é muito difícil, é muito difícil parar uma clínica dessas.

Delegado Hilton Alonzo: O caso ganhou uma repercussão muito rápida nacional e depois mundial e a cobrança, entre aspas, da imprensa era diária. Eles acampavam na delegacia, equipes acampavam na delegacia diariamente pra saber novas informações. Eles criam detalhes de tudo, qualquer coisa valia pra naquele dia divulgar algo sobre o caso ou algo sobre a vida da Jandyra. É muito triste, principalmente porque a gente tinha contato direto com a família, ver a sociedade, os comentários em redes sociais e reportagens, matérias online, os comentários depreciativos com relação a Jandyra que estava morta, família sofrendo com aquilo e a sociedade... grande parte, não toda, mas uma grande parte, culpando ela da morte, culpando ela da situação de ter... não ter sido prevenido pra ter o seu terceiro filho.

Angela: Comentários né, maldosos, cruéis, muito cruéis... Dizendo que eu tinha culpa e que ela era uma vagabunda e que ela era uma mulher (?)... Que ela tinha que morrer mesmo. E isso pra mim é que doeu mais. Né, porque... ter um ser humano... desejar a morte de outro ser humano, muito triste isso. Minha filha não era uma vagabunda, ela só tava perdida, não sabia o que que ia fazer.

Naidée: E aí eu liguei para a Joyce. Falei, "Joyce, estou ligando já três dia, dois dias, eu acho, pro Instituto Medical Legal e tem um corpo carbonizado, só a família pode reconhecer. Não acho que seja ela mas, como só tem ele e só eu tô procurando, o rapaz falou que vale a pena você ir lá dar uma olhadinha." Ela, "Não estou indo lá agora." Isso foi de noite; ela foi lá de noite para resolver.

Joyce: E aí chegou lá, tinha uma mulher, que eles não sabiam se era mulher mesmo, se era homem, carbonizada. Eu falei, "Não, eu quero ver, eu quero ver", "Mas não tem como identificar não", "Mas eu quero ver". E aí quando eu vi, porque eles mostram por foto, tinha os olhos ainda e os olhos eram dela. Sabe... eu não sei explicar, eu falei "É ela". Aí já "Que isso Joyce, não é Joyce, não pode ser", porque não tinha como identificar, não tinha. Eles fizeram uma coisa muito terrível, foi pessoas muito frias mesmo, não tinha como identificar. Eles tiraram os dentes, eles arrancaram os braços, eles arrancaram as pernas... sabe... e tacaram fogo, não tinha como identificar, não... só os olhos mesmo. A cor dos olhos dela, aquele marrom, eu falei "É ela".

Culto cantando:

O mundo pode até fazer você chorar  
mas Deus te quer sorrindo.

Ainda se vier noites traiçoeiras  
Se a cruz pesada for  
Cristo estará contigo  
O mundo pode até fazer você chorar  
Mas Deus te quer sorrindo.

Manifestação:  
Legaliza!  
O corpo é nosso!  
É nossa história!  
É pela vida das mulheres!

Legaliza!  
O corpo é nosso!  
É nossa história!  
É pela vida das mulheres!

Pastora Elizete Malafaia: Eu, a minha casa, a minha geração, serverá ao Senhor até a vinda Dele para essa terra! Todos os dias tenha o prazer de ser uma mulher, abençoada por Deus, você foi chamada para fazer diferença nessa terra, como mulher, como mãe, não abra mão de ser mãe, não abra mão de ser rainha do seu lar, porque até isso eles estão querendo tirar da gente! Nós temos profissão, sim! Mas a nossa prioridade é nosso marido, é nossa casa, é nosso lar! Nós somos rainhas do nosso lar! Eu tenho prazer de ser esposa! Quem tem prazer de ser esposa? Quem tem prazer de ser mãe aqui? Eu tenho prazer de ser mulher!

Pedro Abramovay: Pera aí como uma mulher não quer ser mãe? Ela nasceu para ser mãe! É para isso que ela serve no mundo. A própria exceção do estupro, é importante a gente ter clareza, ela foi colocada desta maneira em uma lei da década de 40, e por que na década de 40 você coloca uma exceção no caso da mulher ser ela foi colocada na lei não para proteger a mulher, mas para proteger o pai, para proteger a família e o pai que não admitiria que o filho de um estuprador crescesse na sua família. É para isso que serve esta exceção, é a honra; ele está protegendo a honra da família, nem é a honra da mulher, é a honra da família. Então a legislação do aborto ela é feita pelos homens para os homens. Partindo do princípio que a mulher tem como função central e primordial na sociedade ser mãe.

Mulher Vitoriosa: Eu acho que a vida é dom de Deus, realmente, e é Ele que tem o poder de lhe dar e tirar. Então apesar das circunstâncias se a gravidez era indesejada eu acho que a mulher tem que levar até o fim e Deus vai prover mesmo para que ela possa criar o filho.

Pastora Elizete Malafaia: Nos somos contra o aborto, nos somos a favor da vida! Porque a gente sabe as sequelas que o aborto deixa na vida de uma mulher. Além de deixar uma uma sequela muitas vezes no corpo físico, deixa no emocional e no espiritual. Mas, graças a Deus, como foi falado aqui, através do sangue de Jesus, aquelas mulheres que fizeram um aborto na sua ignorância, que não tiveram a oportunidade de terem uma prevenção, de terem uma orientação, quando elas

confessam, quando elas se arrepende e deixa, o que é que acontece? Elas alcançam o perdão e a graça de Deus na sua vida.

Juíza Elizabeth Louro: De uma maneira geral a religião trabalha muito com a questão da culpa, e eu acho que especificamente o aborto, é... a gente tem que discutir a nível da ética, né? Não é a nível da culpa. É a nível da ética, da consciência de cada um, né? Aquela ética que as coisas só vão estar muito bem pra mim se estiverem bem pra maioria.

Mulher Vitoriosa: Totalmente contra o aborto. Nós somos multiplicadoras. Foi falado aqui nessa manhã. Nossa pastora foi usada para falar isso. Nós somos multiplicadoras de vidas. A vida vem de nós: mulheres. Essa foi a benção que o Senhor derramou sobre nossas vidas. Por isso somos multiplicadoras; não podemos apoiar o aborto de forma nenhuma.

Mulher Vitoriosa: A vida - ela tem que ser respeitada. Independente de... se você matar um filho com 10 anos ou um feto que está dentro do seu ventre, eu não vejo diferença. Não vejo diferença. Por isso sou contra. Sou a favor da vida.

Mulher Vitoriosa: Nós somos geradoras de vida! Amém!

Mulher Vitoriosa: Não condenando a mulher por escolher a não ser mãe, para mim o aborto é uma coisa muito... tinha o direito da criança de escolher. Por que ela não tem como dizer se ela quer ou não nascer, né? E as mulheres -- principalmente algumas mais feministas - defendam muito a idéia de eu ter direito ao meu corpo. Ninguém pode tirar o direito; eu posso escolher se eu quero ou não ter filhos. Mas, aí ela está tirando o direito da criança, da outra pessoa, de nascer, de viver. Então, eu condeno o aborto.

Martha Medeiros: Se eu não tivesse nascido o mundo não perderia nada, minha mãe não perderia nada, meu pai não perderia nada, ninguém aqui perderia nada, nem eu teria perdido nada porque simplesmente nós estamos falando de algo que não aconteceu. Quer dizer, a gente tá pensando em todas as pessoas, nem são pessoas né? Em todos os embriões que não se formaram, a gente pensa neles como “Ó, que saudade daquele...”, não existe isso, não existe, isso é um argumento apelativo e sentimentalóide pra uma questão que é seríssima e tem que ser tratada de forma madura e adulta. Chega de mimimi, não existe isso, ah... porque esse argumento é muito isso né? “Estamos protegendo aquele ser indefeso”, é o que se fala muito né, “aquele ser indefeso”, isso é um delírio, isso é um delírio. Então a gente vai querer que todo mundo, todas as gestações... se realizem, porque isso vai nos... esse é o certo, é isso que temos que fazer. Não, a gente tem que fazer é pensar nas pessoas que chegaram até aqui, que nasceram e que merecem todas as condições de saúde e toda liberdade pra viverem o seu destino.

Rosiska Darcy de Oliveira: O que se faz hoje me dia com mulheres que não querem ter um filho e que são levadas ao usar clínicas infectas onde morrem, é um ato de violência. É um abuso de poder. E é contra isso que estamos nos manifestando. É contra isso que nós lutamos. Chega. Chega dessa massacre. Isso não pode continuar.

Dra. Mayana Zatz: Não existe um consenso de quando começa a vida. Mas existe um consenso de quando termina a vida. Então hoje é aceito universalmente que quando o sistema nervoso para de funcionar, acabou a vida. Tanto é que se usa esse conceito pra morte cerebral e poder fazer transplante de órgãos. Então a partir daí se institui a mesma ideia pro começo da vida, enquanto não tem um sistema nervoso formado ainda não existe vida.

Min. José Roberto Barroso: Desde a concepção, desde que o espermatozoide fecunda o óvulo, se há vida ou não, desde esse momento, é uma questão da convicção de cada um. Há quem entenda que há vida desde a concepção; essa é a posição oficial e tradicional por exemplo da Igreja Católica. Há quem entenda que antes da formação do sistema nervoso central e da aquisição de um mínimo de consciencia não se deve falar em vida. Mesmo no catolicismo o momento do início da vida variou historicamente. E há quem entenda que enquanto não haja consciencia e a possibilidade efetiva de sofrimento físico, não há dever de proteção do feto.

Dra. Ana Derraik: Se a gente for pensar em potencial de vida, cada célula do corpo tem um potencial de vida né? Cada espermatozoide, cada óvulo é um potencial de vida, quantos são desperdiçados a cada ejaculação ou a cada ciclo menstrual, pra gente nem entrar no mérito, que não ocorre relação sexual. Então é uma discussão conceitual que pode dar margem a várias pirações e viagens e tal, eu sei da vida da mulher, e eu sei que uma mulher em idade fértil, em idade jovem, é uma vida que tem de ser preservada e que tem de ser cuidada.

Voz feminina: Decidi escrever para limpar o que ainda resta de dor por aqueles dias angustiantes...

Voz feminina: Eu fiz um aborto aos 18 anos. Namorava quase um ano com o cara e tomava a pílula regularmente. Com onze meses de namoro comecei a sentir inchaço e enjôos...

Voz feminina: A gente sempre usava camisinha... começava um pouco sem e depois botava... e aí numa dessas acho que não tinha camisinha e a gente começou e eu vi que não tinha e não consegui parar ou não quis... Assim, a gente só queria transar, realmente, não tinha nenhuma pretensão de engravidar ou de perder um ano com isso. A gente nem morava juntos, nem nada do tipo, nenhuma estabilidade até no próprio relacionamento, sabe. Quando descobri que estava grávida, foi um pouco assustador assim por não saber como lidar diretamente com a situação, por não saber aonde procurar uma clínica ou qualquer coisa do tipo, mas, a gente procurou entre nossos amigos alguém que tivesse o contato de uma clínica. E eu, assim, estava no primeiro período da faculdade, no meu primeiro estágio, num momento da minha vida que eu não tinha mesmo nenhuma intenção de engravidar ou de abrir mão de tudo que estava vivendo por causa de uma gravidez. Enfim, teria que interromper tudo e depois correr atrás de um trabalho para conseguir dinheiro; não ia estudar, não seria minha prioridade e enfim, eu não tenho muito esse sonho da maternidade. Eu tenho outros sonhos maiores que esse. Foi uma decisão fácil na verdade para mim. Eu tinha muita certeza que aquilo era o que eu não queria. Não era o tipo de vida que eu queria de viver para a minha maternidade durante pelo menos um ano e meio.

Maria Rezende: A campanha #meuaborto nasceu quando eu li uma notícia de uma mulher que tinha sido presa quando estouraram uma clínica em Copacabana. E aí estava todo mundo muito mobilizado e uma amiga minha que nem está dentro de tudo isso falou, cara, tinha que fazer uma campanha tipo "meu primeiro assedio" com "meu aborto" para as pessoas falarem abertamente disso. Precisamos de um advogado, precisamos entender até aonde a gente pode ir ou não. E a gente acabou bolando uma resposta padrão, né, tipo "infelizmente o aborto no Brasil ainda é crime, a gente adoraria poder ajudar; a gente está fazendo o que a gente pode que é essa campanha pela legalização."

Luiza Vilella: Atingir nossa rede foi simples. Agora atingir a rede das mulheres pobres e negras, que estão no nosso círculo mas assim muito fora, muito periféricamente em todos os sentidos, foi difícil. A gente tentou, a gente pediu para as pessoas compartilharem, a gente queria chegar lá e acho que a gente arranhou a superfície, assim.

Manifestantes:

Se cuida, se cuida, se cuida seu machista!  
América Latina vai ser toda feminista!

Laura Molinari: No início de Abril ou Maio, tinha um projeto de lei na Alerj, aqui no Rio de Janeiro que queria criminalizar todas as mulheres que procuraram serviço de saúde iam ser denunciadas à polícia. Independentemente de terem feito aborto ilegal ou não.

Maria Rezende: Eu achava "feminismo" uma palavra mega esquisita e feminista muito pesado, sabe? E foi um despertar na passeata contra o Cunha em outubro do ano passado, está fazendo um ano. Então no fim das contas é isso: a gente tem que meio que agradecer o Cunha que inventou essa PL que ia criminalizar ainda mais o aborto mesmo quando ele já é legal e aí as mulheres foram para a rua e as mulheres não saíram mais da rua. E todo esse movimento de derrubar ele começou aqui.

Eduardo Cunha: Agora uma criança, um feto, não tem nenhuma chance de defesa. Então temos que tratar isso com seriedade. Se pode até dizer, Ah! a mulher, a mulher sofre com o aborto. Eu não tenho dúvida nenhuma, já tem estudos psicológicos que mostram que a mulher que aborta nunca mais é a mesma. Agora os médicos são açougueiros, como bem disse o policial ontem na televisão. Esse médico tem que ser punido, tem que ser cassado, não pode exercer uma medicina ilegal como ele exerce. Então é preciso que a gente tenha seriedade no trato disso. E só não tratar disso como tema de campanha eleitoral ou como tema de achar que o corpo pertence à mulher e que a mulher pode fazer aquilo que quiser daquilo que está dentro da sua barriga. Isso é um absurdo que nós vamos combater; é a razão do meu mandato. Eu peço votos defendendo essa posição e vou ser radical sempre na defesa da vida.

Martha Medeiros: Tudo que tá dentro de mim é meu, é uma posse transferível. Quer dizer, as minhas lágrimas, as minhas dores, os meus sentimentos, os meus músculos, as minhas cicatrizes, a minha taquicardia, tudo isso faz parte de mim. Então é muito louco a gente pensar que de repente o útero tem que ser destacado desse conjunto e ser gestado, ser gerido, por pessoas que não me conhecem, que não sabem o que eu sinto, o que eu quero.

Laura Molinari: Infelizmente até a militância acaba sendo um pouco criminalizada de tão tabu que é o tema. Mas é importante falar do aborto até para quebrar um pouco deste estigma.

Manifestantes:

Meu nome é Jandyra

Meu nome é Jandyra

Estava grávida de três meses e não queria perder meu emprego.

Estava grávida de três meses e não queria perder meu emprego.

Procurei uma clínica clandestina.

Procurei uma clínica clandestina.

Morri em um procedimento inseguro.

Morri em um procedimento inseguro.

Meu corpo foi desfigurado, queimado e desovado.

Meu corpo foi desfigurado, queimado e desovado.

Decidi pela minha carreira.

Decidi pela minha carreira.

Lutar pelo meu direito de escolha.

Lutar pelo meu direito de escolha.

É motivo para ser morta?

É motivo para ser morta?

É motivo para ser chamada de vadia?

É motivo para ser chamada de vadia?

Então somos todas Jandyra!

Então somos todas Jandyra!

Laura Molinari: E aí quando teve o caso da Jandyra que foi tão chocante, que as pessoas viram o que a criminalização não faz com as mulheres. Que finalmente trataram ela como uma mulher, como um sujeito de direitos assim. Ela não merecia

ter morrido. E aí no Rio de Janeiro, a partir de 2014 já tinha uma investigação da Polícia Civil aqui fechando várias clínicas, estouraram várias clínicas. E com a morte da Jandyra e depois da Elizângela, que também teve uma morte trágica, que também ganhou os jornais, também teve uma história.

Repórter: Estamos aqui na DH de Niterói para tentar localizar uma clínica clandestina que fazia abortos no bairro do Sapé. Nesse local, a dona de casa Elizângela Barbosa de 32 anos teria sido levada para fazer um aborto no sábado...

Promotor Leandro Navega: A Elizângela, inicialmente, foi levada para a clínica pelo agenciador; foi aplicado um medicamento nela. Ela começou a ter um sangramento muito grande. A filha da dona Lígia, Sheila, tenta fazer uma intervenção; não consegue isso; ela continua sangrando e no momento que ela começa desfalecer chama-se um participante da quadrilha, que é o Wagner, que fazia o deslocamento das pacientes. Wagner joga praticamente a Elizângela num hospital público em Niterói. Ela já chega praticamente morta no hospital, com perfuração no intestino. É acionada a polícia. Daí a gente conseguiu toda a dinâmica do evento e verificar efetivamente que essa morte decorreu de um sofrimento imenso.

Repórter: A morte precoce de Elizângela aos 32 anos deixou todos indignados. No enterro, parentes e amigos preferiram o silêncio. No pescoço do irmão, uma homenagem à Elizângela Barbosa. Ele usou o cordão dela com pingente que representa os três filhos da dona de casa.

Luciene Lacerda: Se a gente vê que é a quinta causa de morte e na verdade mostra que as mulheres não tem direito ao seu corpo, ou melhor, algumas mulheres não tem direito ao seu corpo, e nesse caso são essas mulheres negras e pobres. Porque o aborto que algumas dessas mulheres conseguem pagar, é um preço absolutamente alto frente a uma comparação do que é... do que a maioria das mulheres negras ganha que é um salário mínimo. Então são essas mulheres que quando tentam fazer um aborto em condições ruins, elas tem... quando não morrem elas tem sequelas, elas ficam estéreis, então é literalmente saber quem morre. E o aborto deve ser um direito dessa mulher de ter uma escolha de como, quando, de que maneira e quantos filhos quer.

Videoclipe música "Ventre Livre de Fato" de MC Luana Hansen:

Um Milhão de abortos no Brasil por ano  
Vai dizer que não sabia, vai dizer que é engano  
A cada sete mulheres, uma já fez aborto  
Isso é estatística não é papo de louco

Inseguro, feito de uma forma clandestina  
Acorda Brasil, o nome disso é chacina  
Acorda Brasil, o nome disso é chacina

Hipocrisia, pra desconhecido é punição  
Mas se for da família é só tratar com discricção  
Morre negra, morre jovem, morre gente da favela  
Morre o povo que é carente e que não passa na novela

28 de setembro não é só mais um  
É dia de luta não é um dia comum  
Direito imediato, revolução de fato  
Protesto na batida, ventre livre de fato

Direito imediato, revolução de fato  
Protesto na batida, ventre livre de fato

Direito ao próprio corpo, legalizar o aborto.

Roseângela Talib: Nós trabalhamos todas as questões ligadas a sexualidade e a reprodução, de maneira diferente daquela preconizada pelo menos pela hierarquia da igreja católica, né? O pecado mortal é aquele pecado que o fiel pode ser expulso da igreja quando comete. É um dos pecados mais graves, né, quer dizer, entre outros, né, o aborto... mas nem sempre foi assim que a igreja pensou. Anteriormente a punição era maior pras mulheres que pulavam a cerca ou que tinham relações extraconjugais, do que aqueles que... é... que faziam aborto, a punição era menor. Então existe mudança dentro da igreja, o que a gente propõe é exatamente isso, né, que a igreja se abra pras novas questões. Não dá pra igreja continuar com esse discurso quase da Idade Média.

Dom Augusto Antônio: O aborto no Brasil, segundo o código penal, é crime. Não existe, como se utiliza como eufemismo, um aborto legal. Não existe a lei do aborto no Brasil. Aliás desde 1991 os vários projetos com os vários relatores que foram se sucedendo pro projeto de lei do aborto no Brasil fosse aprovado, já passaram 25 anos, até hoje não foi aprovado, né? Por que? Porque o povo brasileiro, 80% do povo brasileiro, já em pesquisas feitas, de credibilidade... confiável né, é contra o aborto. Então acho que nenhum deputado consegue ser assim tão corajoso pra ir contra as suas bases eleitorais, né?

Martha Medeiros: A gente sabe que defender a descriminalização do aborto não rende votos, não rende votos. Tanto que mulheres políticas que eu sei que são favoráveis a descriminalização, não colocam essa postura em público, não colocam essa posição em público, porque sabem que isso coloca a carreira delas... carreira política em risco. Então é um assunto muito sério, que não é nem questão de só estar protegendo um ser, não é nem isso, é eleitoreiro ainda por cima, então a gente tem que discutir isso pra acabar com essa hipocrisia.

Pedro Abramovay: A questão do aborto no debate público brasileiro é tratada de maneira religiosa, não se consegue articular um debate a favor da criminalização que não envolva argumentos religiosos.

Juíza Elizabeth Louro: Porque o SUS distribui preservativos, pílulas anticoncepcionais e tudo. Por que que justamente agora, que tantas dessas facilidades são oferecidas a gente vai optar por simplesmente legalizar o aborto? Né? Talvez a gente pudesse fazer uma questão... é, claro, tudo precisa de uma campanha, que as pessoas fossem chamadas a opinar e tudo. Eu acho que tudo é muito complicado pela questão da religião, mas tudo bem. Fazemos uma campanha, uma coisa consciente, e depois fazer algo meio que intermediário. Como por exemplo, pensar em fazer o primeiro, tudo bem desde que seja até 3 meses; o segundo já submete essa mulher a

uma equipe multidisciplinar, que explique as consequências daquilo, que queira saber por que que aquilo tá acontecendo, e dizer que aquele próximo aborto, é... ou ela opta pelo aborto e fica... e... se esteriliza ela, né? Ou então ela tem o filho. Não sei, dar a chance de ela fazer um e no segundo já fazer ver a ela que se ela reincidir vai precisar ser, é... esterilizada.

Roseângela Talib: Muita gente diz, “Bom, se a gente legaliza o aborto isso vai ser usado como um método, né? As mulheres vão abortar toda vez que tiverem uma gravidez indesejada, né?”. Eu costumo dizer que isso é uma falácia, porque nenhuma mulher aborta por prazer, né? É... não é necessariamente uma decisão que você toma como ir ao cabelereiro, como trocar de roupa, né? Envolve outras questões. E a gente sabe pela prática, quer dizer, que os países que legalizaram o aborto, você tem um crescimento da demanda no primeiro momento, claro porque tem uma demanda reprimida e depois isso tende a cair. Eu costumo dizer que se você quer diminuir ou se você... o número de abortamentos, você tem que legalizar. Porque os países onde ele é legalizado, são os países onde a gente tem o menor número de abortamentos no mundo.

Ana Brant: Eu fui fazer um intercâmbio, fiquei fazendo um ano de faculdade na Alemanha. Eu namorava um Alemão lá. A menstruação não veio. Fiquei nervosa e resolvi fazer o teste na viagem mesmo para descobrir enquanto eu estivesse com minhas amigas e enfim, quando eu fiquei sabendo fiquei... um pouco sem saber o que fazer. Falei na hora com meu namorado, com minha avó. Os dois disseram que me apoiavam no que eu escolhesse, que a escolha era minha. Marquei médico, uma consulta com uma ginecologista. Fui lá, tirei sangue. Ela fez um ultrassom, disse que eu tinha que esperar no mínimo de tanto centímetros para poder confirmar. Voltei lá depois, peguei o resultado: era isso mesmo. Já tinha o mínimo, ela me deu o OK para eu ir para o outro médico que fazia o aborto. Eu liguei; ele disse que para eu poder fazer o aborto eu teria que fazer essa consulta com uma psicóloga e depois de três dias dessa entrevista você pode marcar de fato o aborto. Eu fui. Eu disse que não tinha como eu ter um filho. Ela falou "Não, tem como sim. Se você tiver um filho aqui na Alemanha você ganha cidadania alemã, você vira alemã, você vai ter tudo que você precisar para criar seu filho. Você vai ter dinheiro para pagar fralda, comida, se precisar, a casa. Alemanha vai bancar tudo isso para você." Eu falei "Ótimo, maravilhoso tudo isso. Que bom que é assim. Mas eu realmente não quero ter um filho agora. Assim, em vários sentidos... meu corpo, minha vida... a vida do que seria essa criança... não era para mim o momento. Engraçado porque eu nunca pensei que eu iria abortar se eu engravidasse. Mas na hora que descobri, eu tive... na hora, eu não queria assim. Que bom que eu estava lá. Era tudo assinado. Era tudo como se fosse um procedimento cirúrgico normal. Eu pensei, botei em questão várias vezes se eu queria isso mesmo, para eu ficar tranquila com minha decisão. Eu estava tão certa daquilo que culpa, realmente, ainda bem, eu não tenho.

Dra. Ana Derraik: A gravidez ela incide no corpo da mulher, isso já faz da mulher, biologicamente, mais vulnerável. Ela precisa de uma legislação protetiva, ela engravida, vai parir, e eventualmente ela vai ter de lidar com o direito de não engravidar, a gravidez incide no corpo dela, então a forma como um país trata a mulher é um dos indicadores de desenvolvimento.

Flávia Olivera: Nós perdemos a Jandyra, não foi porque ela tomou uma decisão de interromper uma gravidez e foi castigada por um Deus ou qualquer que seja, nós perdemos a Jandyra porque o nosso Estado, o Estado brasileiro não cuida das mulheres brasileiras como deveria. Essa mulher merecia ter sido atendida de um outro jeito, pelo Estado brasileiro. E punida, condenada pelo pastor, pelo padre, pela igreja, do jeito que as convicções religiosas da família dela prevêm. Agora, ela não teve acolhimento nenhum, seja por parte da igreja, da família, seja por parte do Estado que permite o funcionamento dessas situações clandestinas. Então não bastasse ela se submeter a uma clínica clandestina que a matou, né? Ela ainda teve o corpo... o carro com o corpo incinerados. Então assim, são coisas desumanas, né, oriundas dessa permissividade que o Brasil tem em deixar esse debate soterrado, fingir que ele não tá acontecendo e fingir que tem mulheres morrendo diariamente por essas práticas. Esse erro é do Estado brasileiro, não é da Jandyra.

Pedro Abramovay: Mas então por que que a gente criminaliza o aborto? A gente criminaliza o aborto porque as pessoas querem colocar na mulher o estigma de criminosa. Querem dizer, esta mulher que desafiou o seu papel, ao qual ela tá destinada que é o seu papel de ser mãe, a gente não pode deixar isso acontecer. Tem que colocar nela um estigma de criminosa, esta é a única função do crime de aborto, é estigmatizar como criminosa as mulheres que desafiaram o papel que a sociedade impôs a elas, que é o papel de ser mãe, e que elas carreguem esta marca com elas para o resto da vida.

D<sup>a</sup> Angela: Eu acho essas clínicas, essas coisas, é a pior coisa que pode ter na face da terra, sabe? Não tem recurso, eles tratam a mulher como se fossem um cachorro, jogam no rio, jogam no mato, como se fosse um bicho. O que fizeram com a minha filha, tiraram os pés dela, as mãos. Como faz isso? Se ela fosse fazer em um lugar que tivesse recursos, o pecado era dela, a gente tem que respeitar o pensamento das pessoas, a gente não pode julgar ninguém. A gente pode ser contra, ter a nossa... como é que se diz, o nosso pensamento, né, saber o que é bom pra gente. Mas eu não posso julgar você, o que você quer fazer com você. Você é dona do corpo, você é dona da sua vida. Eu pude falar pra ela, “Não faz, eu sou contra, não faz isso”, mas ela era dela, ela que tava sentindo, era ela que ia passar tudo, não era eu, né? Mas já que existe isso tudo... Então é melhor uma coisa segura, porque o pecado vai ser de cada um. Porque o que eles fazem, isso é muito cruel. Quantas mães tão chorando como eu aí? Eles pegam, matam a pessoa, pegam o dinheiro ainda e jogam como se fosse um cachorro pros urubus comer. Isso foi o pior que fizeram com a minha filha, segundo o delegado eles deram as pernas da minha filha pro porco comer... Que seres humanos são esses?

Rosiska Darcy de Oliveira: No fundo a criminalização do aborto é o melhor exemplo da negação das mulheres. Ter ou não ter um filho. Essa escolha é dela, de mais ninguém. Nenhuma lei tem o direito de impor a uma mulher ter um filho; como não tem direito de impor que ela não tenha, como é o caso, por exemplo, nas políticas de esterilização. Portanto, decidir se vou ou não vou ser mãe é a manifestação de uma liberdade. O que está sendo negado é a liberdade. Isso foi o que nunca se deu às mulheres. Isso foi o que sempre foi recusado. A história das mulheres é a história da negação da liberdade. E também, sobretudo, mais recentemente, a história da conquista dessa liberdade. Nós estamos brigando por isso há mais de dois séculos. É

essa a questão. E eu acho que nós brigamos no corpo e isso tem essa importância porque nosso corpo é nossa vida. E nossa vida nos pertence.

Manifestantes:

Meu nome é Jandyra!

Meu nome é Jandyra!

Estava grávida de três meses e não queria perder meu emprego.

Estava grávida de três meses e não queria perder meu emprego.

Procurei uma clínica clandestina.

Procurei uma clínica clandestina.

Morri em um procedimento inseguro.

Morri em um procedimento inseguro.

Meu corpo foi desfigurado, queimado e desovado.

Meu corpo foi desfigurado, queimado e desovado.

Decidi pela minha carreira.

Decidi pela minha carreira.

Lutar pelo meu direito de escolha.

Lutar pelo meu direito de escolha.

É motivo para ser morta?

É motivo para ser morta?

É motivo para ser chamada de vadia?

É motivo para ser chamada de vadia?

Então somos todas Jandyra!

Então somos todas Jandyra!

Então somos todas vadias!

Então somos todas vadias!

Voz de repórter: ...a delegacia de Bomsucesso, Caroline foi encontrada morta em Duque de Caxias na Baixada Fluminense, ela teria passado mal depois de fazer um aborto...

Voz de repórter: ...a polícia já tem pista de quem levou Camila Ramos, de 19 anos, para fazer um aborto, e também de quem praticou o crime...

Voz de repórter: ...Tatiana Camilato, 31 anos, morreu após tentar fazer um aborto no Rio de Janeiro...

Voz de repórter: ...Caroline de Souza Carneiro, de 21 anos, esteve nos dois endereços, ela estava grávida...